

“ELAS QUEREM IR ALÉM DAS ARQUIBANCADAS”: UMA REFLEXÃO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO FUTEBOL/FUTSAL A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Marinete da Frota Figueredo¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
marinetefrota@hotmail.com

Resumo: Este escrito desdobrou-se de uma experiência atinente à tematização do futebol/futsal realizada com alunos/as do ensino fundamental II, de uma escola pública da cidade de Guanambi/Bahia, e tem como intento compartilhar algumas reflexões no que concerne à participação feminina nesse esporte, por conseguinte alavancar para a desconstrução de estereótipos relacionados ao papel da mulher na sociedade. As aulas tiveram como base a Perspectiva Cultural da Educação Física, proposta por Neira e Nunes (2008), sendo desenvolvidas a partir da prática do mapeamento, da ressignificação, do aprofundamento e ampliação, bem como, da avaliação de todo o processo de tematização do futebol/futsal. As problemáticas relacionadas às questões de gênero foram manifestadas logo no início das ações pedagógicas. As meninas questionaram o quadro de exclusão que enfrentam. Os meninos, opondo-se a elas, alegaram que o futebol é um esporte violento, não sendo, portanto, uma prática feminina. Essas questões foram problematizadas ao longo da tematização, a partir da reconstrução das vivências desse esporte em quadra, assim como, de discussões teóricas relacionadas às representações da mulher na sociedade. Considera-se as ações desenvolvidas como um posicionamento a favor da reflexão acerca de estereótipos enfrentados pela mulher no esporte, especialmente, no futebol/futsal.

Palavras-chave: Educação Física. Futebol feminino.

Introdução

O futebol é um dos esportes mais populares do mundo. No Brasil constitui-se numa paixão de seu povo, de modo que, em qualquer cidade ou povoado é possível ver crianças, jovens e adultos praticando esse esporte nos quintais, parques, praças ou até mesmo nas ruas através das “peladas”, dos “babas”.

Incongruente, mesmo tão bem apreciado, a participação feminina no futebol foi negada durante muito tempo. Somente a partir das primeiras décadas do século XX, as mulheres começaram a ter espaço nesse esporte (GOELLNER, 2005). Atualmente, embora seja perceptível, cada vez mais, a ocupação de mulheres em diversos setores da sociedade considerados essencialmente masculinos, ainda há estereótipos e resistência em relação a sua participação nesse esporte.

¹ Professora da rede municipal de ensino da cidade de Guanambi/BA, mestranda em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Vista como sexo frágil, sensível, conforme Saraiva (2005), a mulher é treinada para as tarefas domésticas e para o culto a beleza desde as brincadeiras de infância, enquanto que os meninos são treinados para ocuparem posições nos mais diversos setores da sociedade, sobretudo, do mundo esportivo. Esse fato, ao longo do tempo aflige a criança em termos motores, resultando em meninos mais habilidosos e meninas mais quietas e recatadas. Saraiva (2005, p. 107) ressalta: “É preconcebido como feminino emocionalidade, intuitividade, suavidade, função de esposa e mãe; esperado do homem competência própria, atividade, lógica, independência, ambição, agressividade, etc.”.

Nesse sentido, Romero (1994) acrescenta que há uma diferenciação relacionada às experiências de movimentos vivenciados por meninos e meninas. Aos meninos são permitidas e incentivadas brincadeiras mais agressivas e que envolvem riscos e desafios, como jogar bola nas ruas, soltar pipas, andar de bicicleta. Enquanto que as meninas são desencorajadas e/ou impedidas de praticarem essas brincadeiras e atividades, situação que resulta em um desempenho motor diferenciado entre meninos e meninas.

Conforme Louro (1997), essas diferenças de tratamento entre o homem e a mulher partem das relações de poder que demarcam modos de ser, de condutas e de posturas apropriadas, geralmente justificadas a partir da distinção sexual, de maneira que, a ideia de gênero é entendida, exclusivamente, na dimensão das diferenças biológicas.

Para a autora, há uma relação entre os conceitos de sexo e gênero, porém possuem significados distintos. Diferenças de sexo devem se relacionar a aspectos biológicos; diferenças de gênero são estabelecidas através do meio social. Assim, as desigualdades entre gêneros não podem ser buscadas exatamente nas diferenças biológicas, mas nos arranjos históricos e sociais. É preciso considerar as formas como as características sexuais são representadas e valorizadas, tendo em vista, a forte influência que possuem na conformação da identidade do indivíduo. A autora pontua:

[..] É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos (LOURO, 1997, p.05).

Coadunando com esse pensamento, Souza e Altmann (1999, p.53) acrescentam que “gênero pode ser entendido como a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres”. A partir dessa visão, sendo a cultura envolvida intrinsecamente por relações de poder, as relações de gênero estabelecidas socialmente estão fundadas no caráter social das relações de poder entre os sexos.

Assim, sob a interpretação confusa entre gênero e sexo, o objeto de estudo da Educação Física é afligido. Diante de condições que estabelecem comportamento diferenciado entre os sexos, demarcando hábitos corporais femininos e masculinos é muito frequente a insegurança de algumas meninas pela maioria das vivências esportivas. Muitas vezes, elas sentem medo ou vergonha de serem criticadas pelos colegas e acabam desistindo de participar das vivências. Já os meninos, que são instruídos à paixão pelo esporte desde o nascimento, estão sempre ansiosos pelas vivências esportivas, principalmente quando se trata da temática futebol/futsal (SARAIVA, 2005).

Assim sendo, nas aulas de Educação Física, os meninos posicionam-se como adversários das meninas. Quando participam das vivências, eles querem submetê-las à lógica de um jogo historicamente masculinizado, violento, agressivo. Somado a esse problema, as meninas enfrentam ainda a discriminação de gênero, sendo vistas como homossexuais, o que pode gerar para elas, problemas psicológicos, diante de padrões heteronormativos (VAZ, 2005).

Conforme Souza Júnior e Darido (2002) por força do processo de transmissão cultural de estereótipos, vê-se o preconceito ainda sendo reforçado na atualidade, fato que colabora para que meninas tenham experiências diferentes dos meninos, levando-as, conseqüentemente à situações de exclusão e de falta de motivação quanto a prática do futebol nas aulas de Educação Física.

Dessa forma, desconstruir as rotulações que circundam as vivências do futebol/futsal na sociedade e na escola é também papel da Educação Física Escolar. As aulas deste componente constituem-se em um espaço fértil para a construção de debates, reflexões e ações que contribuem para que o papel da mulher na sociedade seja reconhecido e respeitado em todos os espaços.

Em defesa da igualdade de direitos sociais e, tendo em vista, as diferenças de tratamento para as mulheres em vários âmbitos da sociedade, posto em destaque aqui, no âmbito esportivo, especialmente do futebol/futsal, busca-se através deste escrito apresentar algumas experiências resultantes da tematização do futebol/futsal realizada em uma escola

pública da cidade de Guanambi, Bahia, e a partir das reflexões por ela permitida alavancar com o debate acerca da participação da mulher no futebol/futsal.

A mulher no futebol brasileiro e o papel da Educação Física Escolar

A história do futebol feminino brasileiro é demarcada por diferentes versões e controvérsias. A Revista *Veja Flores do Campo* (1996) *apud* Darido (2002) e Silva (2012), afirmou que o futebol feminino iniciou-se na década de 70, por meio de jogos organizados por boates gays. Porém, de acordo com Reis e Arruda (2011), não se sabe uma data exata de quando o futebol feminino teria iniciado, mas é certo que entre os anos de 1913 a 1940, cada vez mais, as mulheres deixavam as arquibancadas para se divertir dentro do campo como jogadoras.

Reis e Arruda (2011) apontam que, a participação da mulher no futebol trata-se de um processo iniciado pelas mulheres de classe social baixa e a partir da popularização do futebol masculino. Segundo os autores, as mulheres iam aos estádios prestigiarem o futebol masculino, aproximando-se conseqüentemente dessa modalidade. No entanto, a partir da inserção de homens de classes populares e negros no futebol, elas foram proibidas de frequentar os estádios, caso frequentassem, não seriam consideradas de “boa família”.

Tal fato não impediu a resistência das mulheres. Com o passar do tempo, mesmo enfrentando o preconceito, pautado na afirmação de que o esporte era incompatível com a natureza feminina, mulheres do subúrbio carioca formaram-se clubes (REIS e ARRUDA, 2011).

Em meio a esse processo de lutas, conforme Reis e Arruda (2011), o Primavera Futebol Clube, através de um anúncio em um jornal, convida moças de 15 a 25 anos para ingressarem no futebol, fato que provocou uma revolta entre os jornalistas e os desportistas. Essa revolta motivou o cidadão José Ferreira, em abril de 1940, a escrever uma carta ao presidente Getúlio Vargas, solicitando atenção deste, frente ao caso:

Venho solicitar a clarividente atenção de Vossa Excelência para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, senhor presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar este esporte violento sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico

das suas funções orgânicas, devido à natureza que dispôs a ser mãe. Ao que dizem os jornais, no Rio de Janeiro, já estão formados nada menos de dez quadros femininos. Em São Paulo e Belo Horizonte também já estão se constituindo outros. E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que em todo o Brasil estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol: ou seja: 200 núcleos destrocados da saúde de 2,2 mil futuras mães, que, além do mais, ficarão presas a uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes (JOSÉ FUZEIRA, CARTA DATADA DE 25/04/1940 IN - SUGIMOTO, LUIZ. EVA FUTEBOL CLUBE, 2003).

Essa carta foi analisada pela medicina especializada e tornou-se o ponto de partida para mais uma vez proibir o futebol feminino. O parecer dado pelos profissionais de saúde alegava a preocupação com a saúde da mulher, sobretudo, com a sua capacidade reprodutiva (REIS e ARRUDA, 2011).

A prática de futebol por mulheres representava um “desvio” inaceitável à sociedade que necessitava de crianças saudáveis, consideradas fundamentais para a defesa do Estado. Entretanto, tal posicionamento enfrentado pelas mulheres não foi motivo de desistência. Mesmo com a proibição, muitas delas continuaram a praticar o esporte, a exemplo de empregadas domésticas cariocas que se encontravam na praia de Leblon no Rio para jogarem. Situação que perdurou até 1979, quando foi permitida a criação de departamentos de futebol feminino, o que impulsionou a realização do 1º evento de futebol de praia feminino, em 1981 (REIS e ARRUDA, 2011).

Foi a partir desse evento, bem como, de outras competições que o futebol feminino começou a ganhar um pouco de visibilidade. No ano de 1991 houve um salto qualitativo com a criação da Copa do Mundo de Futebol Feminino. As brasileiras, oito anos depois tiveram sua primeira conquista de grande peso no cenário mundial (DARIDO, 2002).

Em 1996, o time brasileiro de futebol feminino consegue pela primeira vez participar de uma olimpíada. Depois de muitas guerras travadas, as brasileiras conquistaram uma vitória durante uma participação nos jogos Pan-americanos, realizados no Rio de Janeiro, no ano de 2007 (SILVA, 2012).

Percebe-se ao longo da história, um avanço significativo no futebol feminino brasileiro, porém, ainda há muitos desafios para serem superados, principalmente, quando se trata do futebol profissional, visto que, segundo Sugimoto (2003), não há investimento público, nem privado, isto é, não há apoio, sendo, portanto, uma modalidade pouco exposta e apreciada. Apenas em grandes competições, como nos Jogos Olímpicos, esse esporte é divulgado pela mídia (SILVA, 2012).

Na atualidade, as mulheres, ainda enfrentam dificuldades. A falta de políticas públicas, escassez de campeonatos regulares, salários inferiores em relação aos atletas do futebol masculino, pouco interesse pela mídia, bem como, o preconceito (discurso machista) são alguns dos problemas que caracterizam o futebol feminino no Brasil (REIS E ARRUDA, 2011).

Embora as mulheres tenham quebrado algumas barreiras, percebe-se que a luta pelo seu reconhecimento no campo é contemporânea. Até hoje, elas enfrentam o preconceito e são condicionadas, desde cedo, às tarefas domésticas (DAOLIO, 1997), condição que demonstra a necessidade de desconstrução de estereótipos construídos na cultura brasileira, pois o reconhecimento que o futebol feminino busca, reivindica a mudança da mentalidade da sociedade em relação à mulher.

Diante desse processo histórico de desafios enfrentados pelas mulheres que reflete nas aulas de Educação Física, Romero (1994) aponta que o/a professor/a deve problematizar questões conflituosas relacionadas a comportamentos culturalmente estereotipados. Essa problematização conforme Jesus e Devede (2006) envolve a reflexão acerca das representações do feminino e do masculino, não somente na escola, mas em qualquer lugar da sociedade.

Com esse olhar, Gonzáles e Fensterseifer (2005) afirmam que essas problematizações devem contemplar a dominação de gênero e, principalmente a desigualdade entre eles, visando a construção do respeito entre meninos e meninas, o rompimento da ideologia machista, a discriminação e o preconceito que ainda imperam na sociedade.

Sobre essa questão, Louro (1997) defende que é necessário romper com a dominação sexual, de modo que homens e mulheres sejam tratados igualmente e respeitados nas suas diferenças. Segundo a autora, refletir sobre as estruturas de poder perpassa pela compreensão acerca dos termos sexo e gênero, comumente tratados como sinônimos, e isso possibilita uma melhor percepção acerca das relações de poder presentes nas aulas de Educação Física, tendo em vista que as diferenças de tratamento são construídas a partir da cultura biologicista acerca do corpo do homem e da mulher.

Portanto, cabe ao/à professor/a a função de promover a reflexão acerca dos conflitos relacionadas a sexo e gênero que ocorrem durante suas aulas, no sentido de motivar uma mudança de comportamento dentro da escola e na vida cotidiana dos/as seus/suas alunos/as.

Caminhos metodológicos

Estas reflexões desdobraram-se de uma experiência relacionada a ações pedagógicas desenvolvidas em uma turma de nono (9º) ano do ensino fundamental II, de uma escola do município de Guanambi, região sudoeste do estado da Bahia.

A instituição localiza-se numa região periférica da cidade e atende alunos/as da Educação Infantil, do Ensino Fundamental I e II. A tematização do futebol teve como base a Perspectiva Cultural, proposta por Neira e Nunes (2008), que defendem uma Educação Física crítica e comprometida com a formação para o exercício da cidadania. Assim sendo, as ações pedagógicas foram desenvolvidas da seguinte forma:

- Mapeamento: teve como objetivo levantar os conhecimentos que os/as alunos/as possuem sobre a temática escolhida a partir do plano de curso.

- Ressignificação: a partir das informações coletadas na turma, referente à temática proposta (futebol/futsal), buscou-se a problematização de alguns estereótipos demarcados nas formas de pensar e de vivenciar esse esporte pelos/as alunos/as, estimulando-os/as, conseqüentemente, a construir novos olhares em torno da prática do futebol/futsal, bem como, novas formas de vivenciá-lo.

- Aprofundamento e ampliação: realizado através de aulas expositivas e de debates com a turma, utilizando-se de imagens paradas e em movimento (fotos, gravuras, charges e vídeos), com o intento de aprimorar o conhecimento dos/as alunos/as acerca da manifestação corporal (futebol/futsal) e de ampliar os olhares sobre a sua representação na sociedade.

Ressalta-se que, todo processo de tematização supracitado foi contemplado por momentos de diálogos e de vivências com a turma.

Resultados e discussões

Iniciando a tematização do futebol/futsal a partir do mapeamento e após uma breve conversa com os/as alunos/as sobre o esporte, com o intuito de construir um debate, alguns questionamentos foram lançados à turma. “O futebol/futsal da escola é o mesmo daquele que assistimos na televisão?” “Todas as pessoas têm igual oportunidade de participar desse esporte?” “Como deve ser as vivências do futebol/futsal na escola?” “Como o futebol/futsal é

representado pela mídia?” “O futebol/futsal masculino e feminino são vistos da mesma forma?”

Ao ser questionados/as a partir dessas perguntas, os/as alunos/as, em um grande número, comportaram-se a partir de expressões de desconforto. Os meninos resistiam aquele momento de discussão. Agoniados para vivenciar o esporte, por um bom tempo ignoraram os questionamentos. Já as meninas, algumas observavam o comportamento dos colegas, e outras relataram as suas dificuldades quanto à participação nesse esporte durante as aulas de Educação Física. Elas afirmavam não ter a mesma oportunidade que os meninos, pois diante de vivências mistas, ocasionadas por ter poucas meninas da turma dispostas a participar das vivências, não formando times, elas acabavam jogando juntos com os meninos, que não colaboravam, não compartilhando a bola, e/ou sendo violentos e agressivos durante o jogo.

Ao ouvir o relato angustiante das meninas, como defesa, os meninos apontavam que as mulheres não sabem jogar, que são choronas, e que o futebol/futsal é mesmo violento, não sendo, portanto, um esporte para elas.

Já no início da tematização do esporte, as problemáticas relacionadas às questões de gênero foram manifestadas, o que provocou tumulto na aula. O comportamento das meninas revelou-se que o futebol/futsal desperta a elas, um interesse que vai além da contemplação. As mulheres querem ir além das arquibancadas e serem reconhecidas, porém ainda enfrentam fortes resistências historicamente construídas, a partir de prerrogativas machistas pautadas em diferenças biológicas, em que a mulher é apontada como frágil e sensível, desprovida de habilidades; situação problema que foi ressaltada por Saraiva (2005), Vaz (2005), bem como por Louro (1997).

Percebe-se que, embora tenha conseguido se inserir no futebol, a mulher ainda enfrenta uma série de preconceitos, quadro que representa para ela um desafio. A cultura brasileira encontra-se arraigada de estereótipos, os quais refletem nas vivências diárias das mulheres, inclusive nas vivências esportivas.

Na tentativa de desconstruir esses estereótipos que afligem a participação feminina no futebol/futsal, foram realizados alguns questionamentos comparativos, em relação às brincadeiras que são vivenciadas e incentivadas para o menino e para a menina. A intenção foi provocar reflexões acerca de determinadas representações criadas, reproduzidas e padronizadas na sociedade, das quais podem afetar a criança em termos motores, como afirmou Saraiva (2005).

Pondo-se a pensar, os alunos dispuseram-se a reconstruir a prática do esporte durante as aulas. Assim, por uma perspectiva inicial de análise foi realizada uma vivência mista. Porém, a divisão dos times, sendo também, naquele momento realizada por meninas, provocou uma grande agonia aos meninos. Além de resistir novamente a participação das meninas, eles não ficaram satisfeitos em perceber uma figura feminina em posições de liderança. Sem querer dividir tal posição, eles diziam: “essas meninas não sabem jogar, professora, tem que ter poucas em cada time”, “eu vou jogar sem dó”.

Ao acontecer o jogo, os problemas relatados pelas meninas repetiam-se, fato que acarretou em diversas interrupções reflexivas durante a vivência.

Com o intuito de motivar a desconstrução dos estereótipos que afligiam a turma, foi realizada a problematização do futebol/futsal, retomando a discussão ocorrida durante o mapeamento, porém de forma mais aprofundada, utilizando-se de recursos como charges, figuras, bem como de vídeos que ilustram a realidade enfrentada pelas meninas e que estava sendo reproduzida na turma.

Nesse interim de reflexões, buscando também a compreensão, principalmente dos meninos que ignoraram a participação feminina, foi discutido a diferença entre o futebol/futsal praticado nas aulas de Educação Física e o futebol/futsal profissional, pois, a forma em que é oficializado foi mais uma justificativa utilizada pelos alunos para excluir as meninas das vivências.

Assim, por se tratar de uma problemática bastante cristalizada na sociedade, não sendo diferente no espaço escolar, esse assunto foi discutido durante todo o processo de tematização do futebol/futsal com a turma. Conseqüentemente, depois de várias vivências acompanhadas de reflexões, o jogo já acontecia de forma mais harmônica. As meninas já não eram mais um ser estranho em quadra, mesmo ainda enfrentando problemas, sendo apelidadas, por exemplo, elas já faziam parte daquele ambiente.

Aprofundando o conhecimento dos/as alunos/as quanto ao futebol/futsal, a partir de uma aula expositiva, foram debatidos com a turma, alguns aspectos que merecem atenção na história desse esporte, como o histórico elitizado, racista e excludente, motivos pelos quais levaram os indivíduos negros, pobres, bem como as mulheres a serem excluídos/as do futebol/futsal durante longos anos.

Na oportunidade foi discutido a história e os desafios enfrentados pelo futebol/futsal feminino no Brasil até os dias atuais. Essa discussão teve o propósito de provocar a reflexão da turma a respeito do reconhecimento do futebol/futsal feminino, pois houve a inclusão, mas

não o reconhecimento. A mulher ainda não é vista da mesma forma que o homem nesse esporte.

Para ampliar a discussão e o olhar da turma sobre as problemáticas enfrentadas pela mulher na sociedade, utilizando-se de textos de jornais e de revistas, que mostravam mulheres se destacando em posições reservadas durante muito tempo para o homem, como no mundo intelectual, na política, foi chamada à atenção dos/as alunos/as quanto às rotulações criadas e reproduzidas em relação à imagem feminina.

A intenção era alertar a turma de que tais problemas enfrentados pela mulher, não se tratam de limitações biológicas, mas de arranjos sociais e históricos construídos a partir de interesses de determinados grupo (LOURO, 1997). Quadro que deve ser questionado, em favor de um mundo de igualdade de direitos.

Tais apontamentos foram fundamentais para a abertura dos meninos (mesmo insatisfeitos) em relação à participação das meninas durante as vivências nas aulas.

Ao finalizar a tematização do futebol/futsal com uma conversa avaliativa das aulas, os meninos lamentavam o encerramento, dizendo que jogaram pouco e que não jogaram da forma que queriam. Esse descontentamento foi gerado como uma consequência do processo de inclusão das meninas no esporte, fato que demonstra que a insistência de tais reflexões na escola é necessária.

As meninas, embora ainda descontentes, sinalizaram a existência de um avanço, pois as vivências realizadas juntamente com os meninos já não eram tão problemáticas, mesmo contrariados, eles já aceitavam a participação feminina sem muitas provocações. Durante essa avaliação, as meninas ressaltaram a necessidade de dar continuidade ao trabalho de reconhecimento da mulher no futebol/futsal.

Considerações finais

Considerando as questões inerentes ao futebol/futsal, especialmente às representações que demarcam a sua prática na sociedade pode-se perceber, de que não se trata de uma temática fácil de ser abordada. Porém, foi possível realizar discussões e vivências significativas com a turma ao longo do processo de tematização, o que evidencia resultados motivadores, positivos, dos quais podem ser avaliados como um grande passo frente à realidade enfrentada pelo universo feminino no esporte, sobretudo, no futebol/futsal.

Observa-se que ao longo da tematização do futebol/futsal com a turma, as meninas demonstraram interesse pela participação e lutaram pelo reconhecimento delas no esporte. Expuseram os desafios enfrentados durante as aulas, questionaram o posicionamento dos meninos e enfrentaram todos os preconceitos presentes nas aulas, demonstrando que “elas querem ir além das arquibancadas”, isto é, elas não querem apenas ser plateia dos homens, elas querem ser vistas e reconhecidas dentro do campo, assim como eles são.

Portanto, analisando a postura assumida pelas meninas durante as aulas, o abalo dado às atitudes e as formas de pensar dos alunos, considera-se as ações desenvolvidas com a turma como um passo a favor da reflexão sobre os estereótipos relacionados ao papel da mulher na sociedade, especificamente no mundo esportivo.

Referências

DAOLIO, J. **Cultura: Educação Física e Futebol**. Campinas - SP. Editora da UNICAMP, 1997.

DARIDO, S. C. Futebol feminino no Brasil: do seu início a prática pedagógica. **Motriz**, Rio Claro, v. 8, n. 2, p. 43-49, 2002.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

GONZÁLES, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2005. 421 p.

JESUS, M. L.; DEVIDE, F. P. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. *In: Movimento*, Porto Alegre, v.12, n. 03, p. 123-140, setembro/dezembro de 2006.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis. Vozes, 1997.

NEIRA, M.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da Cultura Corporal: críticas e alternativas**. São Paulo: Phorte, 2008.

REIS, F. P. G; ARRUDA, I. E. A. Uma história do futebol feminino brasileiro: superando preconceitos. **Revista Digital**. Buenos Aires, Año 16, Nº 163, Diciembre de 2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>

ROMERO, E. A Educação Física a serviço da ideologia sexista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 15, n. 3, p. 226-234, jan. 1994.

SARAIVA, M. C. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito**. Ijuí: 2º ed. UNIJUÍ, 2005.

SILVA, J. H. R. Gênero e futebol: os desafios da mulher na luta por reconhecimento social. **Revista Digital**. Buenos Aires, Año 17, Nº 175, Diciembre de 2012. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>

SOUZA JUNIOR, O. M; DARIDO, S.C. Prática do futebol feminino no ensino fundamental. **Motriz**. Jan-Abr. 2002, Vol.8 n.1, pp.1-9.

SOUZA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos em meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedex**, ano XIX, nº 48, agosto/1999, p. 52-68.

SUGIMOTO, L. Universidade Estadual de Campinas / Assessoria de Imprensa. **Eva Futebol Clube**, Campinas: 2003.

VAZ, A. C. **Futebol e representações de gênero: engendrando ações afirmativas e pedagógicas**. In: SOUZA, A. S. Desafios para uma educação física crítica. São Paulo: Cult, 2005.